



Outras Rotas: considerações sobre o caminho até aqui

Francisco Gick¹

francisco@casadeteatropoa.com.br

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Gleniana Peixoto²

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Gustavo Dienstmann³

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Luan Silveira⁴

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Jezebel De Carli⁵

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Resumo: “Outras Rotas” é um projeto de extensão realizado desde 2012 no Curso de Teatro: Licenciatura da Unidade Montenegro da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), coordenado pela Prof. Me. Jezebel Maria Guidalli De Carli, financiado com recursos da Pró-reitoria de Extensão da Uergs. O presente artigo tece considerações sobre os caminhos trilhados no projeto ao longo de três anos de existência (2012-2014) e também sobre o impacto do “Outras Rotas” na formação alunos que dele fazem parte. O texto busca, também, discutir temáticas e conceitos centrais no projeto, evidenciando a relação com a cidade como a principal força de transformação dentro do “Outras Rotas”.

Palavras-chave: Teatro; cidade; performance urbana.

Quando se mora numa cidade? Quando se compra pão na esquina de casa?
Quando se conhece o guarda da rua? Quando se é assaltado? Quando se é assaltado

¹ Performer e ator formado pelo Teatro Escola de Porto Alegre (TEPA) no ano de 2009, integra o COLETIVO ERRÁTICA desde 2012. Atualmente cursa o quarto semestre do Curso de Graduação em Teatro - Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), onde também atua como pesquisador-performer no Projeto “Outras Rotas: Derivas” financiado pela Pró-reitoria de Extensão da Uergs e coordenado pela Prof. Ms. Jezebel Maria Guidalli de Carli.

² Atriz e produtora cultural formada pelo Teatro Escola de Porto Alegre (TEPA) no ano de 2009, graduanda do quarto semestre do curso de Teatro: licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

³ Diretor, ator e figurinista de teatro. Graduando em Teatro – Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, onde participou de projetos de extensão, em 2012 participou do projeto “Outras Rotas: um dialogo entre universidade e comunidade” e em 2013 do projeto “Outras Rotas: DERIVAS” sob orientação da Professora Mestre Jezebel Maria Guidalli De Carli.

⁴ Ator, performer, fotógrafo e estudante de teatro. Graduando em Teatro: Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Unidade de Montenegro, onde também atua como pesquisador-performer no Projeto “Outras Rotas: Derivas” financiado pela Pró-reitoria de Extensão da Uergs e coordenado pela Prof. Ms. Jezebel Maria Guidalli de Carli.

⁵ Diretora, professora e atriz de teatro. Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a dissertação “Movimentos de Encenação em Corpos de Pensamento-Criação”. Bacharel em Artes Cênicas pelo Departamento de Artes Dramáticas/UFRGS. Professora do Curso Graduação em Teatro: licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e do Teatro Escola de Porto Alegre/TEPA.



outra vez no mesmo lugar perto da sua casa? É quando o dono do armazém da esquina fica feliz por termos chegado? É quando ele nos chama pelo nome?

E quando as águas sobem? E sobem mais e tapam as casas? Então a margem muda de lugar, o limite muda de lugar? E o que antes estava na beira está agora no meio, e aquele que estava na margem está agora num entre, num não-lugar. Tal é a trágica condição do homem que mora no 437 da Rua Álvaro de Moraes. O rio é, talvez, o principal elemento trágico na vida da cidade de Montenegro: é bastante provável que uma vez por ano o rio venha por sobre a rua, avance pelo meio das casas, alague meia cidade e depois volte ao seu leito plácido porque parou de chover, porque faz sol há três dias. É a vida, e dizer isso não é resignar-se frente a vida, mas afirmá-la.

É preciso perceber a cidade como realidade presente, a cada instante, olhar cada coisa como se nunca tivesse sido vista antes, Suely Rolnik (1989) nos convida a evocar do olho uma qualidade chamada vibrátil. Trata-se de um descobrimento, de uma invenção de cidade: composição. Trata-se de nivelar-se ao caos, ou seja, colocar-se no tecido mesmo da vida, abandonar a convenção em favor do desejo. Para o artista, isso significa a possibilidade de compor com o que é vida e não apenas com o convencional, descobrir o que é novo, potente, em lugar de descobrir aquilo que já se sabia. Descobrir na cidade aquilo que da cidade vive no artista e tomar isso como discurso, como possibilidade de compartilhamento não autoritário, como a gênese de um convívio.

O “Outras Rotas” é um projeto de extensão desenvolvido na Unidade de Montenegro da Uergs, com financiamento pela Pró-reitoria de Extensão da Uergs (Proex), reunindo alunos do Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura da universidade sob coordenação da Prof. Me. Jezebel Maria Guidalli de Carli. O projeto teve início em 2012 a partir do desejo, compartilhado entre alunos e coordenadora, de estabelecer diálogos culturais com comunidades da cidade de Montenegro. Essencialmente, a curiosidade que moveu o projeto desde o início é sobre o que significa ser artista em relação ao dado lugar e ao dado tempo em que se vive. Tal curiosidade moveu uma busca pelo desenvolvimento de ferramentas de pesquisa e criação em teatro, além da reflexão sobre a cidade e o papel da arte e do artista na cidade, ou seja, construímos um processo de pelo qual nos tornamos artistas



enquanto buscamos respostas para a pergunta “quem somos nós como artistas aqui?”. Para Eugênio Barba (1999) um grupo de teatro é como um país, que tem sua cultura definida em seu cotidiano de trabalho, tendo o espetáculo como o momento em que a cultura do grupo-país pode ser trocada com outros grupos. A partir da proposição de Trocas de Eugênio Barba, vem uma concepção de extensão universitária como troca cultural não autoritária, ponto de partida para os processos de trabalho e vivência pelos quais passamos nos últimos três anos.

[...] Habitar um lugar é apropriar-se dele? O que é se apropriar de um lugar? A partir de quando um lugar torna-se verdadeiramente seu? É quando se colocam de molho seus três pares de sapatos em uma bacia de plástico rosa? É quando se esquentam espaguete num fogareiro de *camping*? (...) (PEREC, 1999, p.48).

A partir do aprendizado que tivemos na relação com a cidade, o “Outras Rotas” sofreu uma profunda transição. Nossos procedimentos de trabalho se modificaram radicalmente buscando materiais cada vez mais intimamente relacionados ao cotidiano da cidade. Também, é essencial para o desenvolvimento do trabalho que o grupo se constitua como identidade compartilhada, uma situação de pertencimento, e, ao mesmo tempo, é necessário que cada um tenha autonomia dentro do grupo para orientar seu trabalho segundo aquilo que lhe interessa – a identidade coletiva se define no agenciamento da diferença e não na supressão dela –. Portanto, buscamos procedimentos de criação que sejam macroscopicamente colaborativos e, ao mesmo tempo, microscopicamente autônomos.

Assim, ao longo dos últimos três anos, o “Outras Rotas” tem proposto, em Montenegro, ações que visam desestabilizar o olhar anestesiado do transeunte costumeiro, desestabilizar o comum. A ação na rua é um convite para um novo olhar, estranhado, capaz de perceber mais naquilo que vê, é convite para um convívio modulado pela imagem produzida pelo aluno-ator-performer, convívio este que se dá um espaço geográfico pré-estabelecido, mas que é transformado, resignificado na medida em que o convívio acontece.

Cada uma de nossas ações é uma tentativa de estabelecer um compartilhamento temporal-espacial em que nossas questões tornem-se relevantes. Um encontro é uma encruzilhada, tanto no sentido do cruzamento do tempo e do



espaço quanto no sentido de que depois do encontro há que despedir-se e tomar uma decisão sobre qual caminho seguir.

São convites. Ao estudante-pesquisador do projeto, se faz um convite a que esteja em conexão com a realidade e a que se comprometa com a transformação, seja como aluno, artista ou professor. Para a comunidade faz-se convite a reflexão profunda sobre o mundo, que não fique presa aos limites do noticiário ou da racionalidade, uma profundidade que arranhe o que temos de mais humano no contato com a imensidão da vida.

Com o “Outras Rotas” avistamos uma possibilidade de extensão universitária – indissociavelmente conectada à pesquisa e ao ensino – onde a ação de extensão emerge da relação do estudante-pesquisador com a cidade em que vive e estuda, como um ponto num mapa, como o registro de um movimento.

Referências

BARBA, E. *Além das ilhas flutuantes*. São Paulo: Hucitec, 1991.

PEREC, G. *Especies de espacios*. Barcelona: Montesinos, 1999.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.